

A SAGA DE JK

No ano em que comemoramos o centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o regime republicano terá 113 anos de existência e apenas dois estadistas desde a proclamação da república em 15 de novembro de 1889: Getúlio Dorneles Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Getúlio Vargas ascendeu à presidência da república como líder da Revolução de 1930 e Juscelino Kubitschek das eleições de 1955.

Historiadores, sociólogos e economistas chegam a considerar que as bases do desenvolvimentismo do Estado brasileiro devem ser tributadas a Getúlio Vargas; quanto ao presidente Juscelino, pouco foi produzido nas bancas acadêmicas para valorar a sua presença na história política, administrativa, econômica, social e cultural.

Dizer e referenciar apenas a construção de Brasília é muito pouco diante do seu legado ao Brasil como Pátria e Nação.

A República precisava de uma capital para diferenciá-la do Império dos Orleans e Bragança. Os positivistas e republicanos na primeira constituição republicana, em 1891, com o artigo 3º e a sua avançada visão geopolítica, determinavam a transferência da capital para o Planalto Central com o objetivo de assegurar o domínio físico do território brasileiro.

Juscelino Kubitschek 69 anos depois a entregou construída.

Para diferenciar os dois estadistas, usaremos uma adjetivação do folclore político; Getúlio Vargas era a “raposa felpuda”, dissimulado, maquiavélico em contrapor adversários políticos em seu próprio proveito. Já Juscelino era o “conquistador de simpatia” e “o condutor de sonhos”.

Enquanto Vargas deixou um rastro de sangue, assassinatos e torturas nos seus quinze anos de poder, Juscelino deu ao país liberdade e progresso.

Tentaram impedir sua candidatura, sua posse e no dia 11 de fevereiro de 1956, a apenas 40 dias da sua posse, militares golpistas da FAB tomaram aviões e rumaram para Jacareacanga. Sua resposta: anistiar os revoltosos.

Para muitos historiadores levianos esses revoltosos eram uma “fração de Brancaléone”; mas não, eles continuaram conspirando para desestabilizar o regime democrático e fariam uma outra revolta, a de Aragarças, onde pela primeira vez no mundo foi realizado o seqüestro de uma avião civil. Desses conspiradores muitos deles passariam à história como torturadores e assassinos na Ditadura Civil e Militar de 1964, como por exemplo o brigadeiro Burnier.

Se não foi somente a construção de Brasília, o que mais fez Juscelino?

Começamos pela sua nomeação como prefeito de Belo Horizonte em 14 de abril de 1940. Belo Horizonte inaugurada em 1897 era a primeira cidade planejada do Brasil republicano. Mas não fora planejada para o advento do automóvel e nem os migrantes em busca de conforto e trabalho na sua periferia. Apenas a Avenida Afonso Pena tinha 50 metros de largura, as ruas restantes tinham 12 metros. Além de asfaltar a Avenida Afonso Pena, estendeu a pavimentação e a infra-estrutura de saneamento aos bairros periféricos, transformando a cidade a

ponto de ganhar a alcunha de “prefeito furacão”. Sua antevisão o levou a convidar o urbanista francês Alfred Agache para avaliar o potencial urbanístico da Pampulha.

Muitos pesquisadores datam dessa época o seu primeiro ensaio “ para construir Brasília”. Procura Rodrigo de Melo Franco e este indica o jovem Oscar Niemeyer, que depois de ouvir o prefeito Juscelino, fica trancado no hotel, e, em dois dias, entrega o projeto da Pampulha. Lucio Costa, Niemeyer, Portinari e Burle Mark a partir daí se ligam umbelicalmente a JK.

Juscelino se elege governador de Minas Gerais em 1950 e já influenciado pela visão desenvolvimentista de João Pinheiro, estabelece o binômio “Energia e Transporte” como meta de governo.

Minas Gerais, como bem disse o engenheiro Lucas Lopes em depoimento à Fundação Getúlio Vargas, “Minas era a escuridão”. Partiu então para o programa de eletrificação. Embora a primeira usina hidroelétrica na América Latina tenha sido construída em Juiz de Fora, o estado tinha poucas usinas e de pequena capacidade geradora.

Já na Presidência foi replanejada a Usina de Furnas e planejada a de Três Marias, ambas de grande importância não só para Minas Gerais e São Paulo, mas também para a Brasília que viria a ser construída.

A cada nova função pública Juscelino Kubitschek agregava mais capacidade de antevisão administrativa e, ao deixar o governo de Minas Gerais para se candidatar à Presidência da República, estrutura o primeiro plano de governo da história republicana ao qual chamaria de “Plano de Metas”, e que totalizava 30 metas mas, mais a Democracia.

No dia 4 de abril de 1955, no seu primeiro comício de campanha na cidade goiana de Jataí, ao inaugurar um estilo direto de se comunicar com o povo, o jovem Antônio Soares Neto – o Toniquinho – de chofre lhe pergunta: “O senhor diz que vai cumprir a Constituição, então o senhor vai transferir a capital federal para o planalto?” Nascia o que JK chamou de “meta-síntese” – Brasília.

Devemos a ele na sua visão planejada de governo, as indústrias de base, o planejamento regional com a criação da SUDENE, a indústria automobilística, a indústria naval, a ampliação das ferrovias, dos portos, da rede rodoviária, o primeiro orçamento para a formação de pessoal técnico e orientação da educação para o desenvolvimento – a meta 30 -, a construção da Belém-Brasília, e das radiais que hoje interligam todos os estados brasileiros, sem as quais, a Amazônia e o Centro-Oeste já estariam internacionalizados.

A Ditadura Civil e Militar de 1964 cassou o seu mandato de senador por Goiás e os seus direitos políticos por 10 anos, lançou uma campanha de desmoralização e calúnia a nível mundial, dizendo que ele tinha a “Sétima Fortuna do Mundo”. Foi humilhado e torturado em inquéritos policiais militares em quartéis, sofrendo interrogatórios de oficiais subalternos; foi proibido de visitar Brasília, e por ironia, o ditador que cassou os seus direitos políticos e o seu mandato parlamentar ascendeu ao generalato pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

No ano do centenário do seu nascimento, a Capital da República completará 42 anos da sua inauguração e a coonurbação urbana dela com as cidades do Distrito Federal e do seu Entorno tem a população de um país latino-americano como o Uruguai, com mais de três milhões e duzentos mil habitantes.

Em seu governo de liberdade e progresso fomos campeões mundiais de futebol pela primeira vez, Esther Bueno conquista o campeonato mundial de tenis, a bossa-nova encantou o mundo, nasceu o cinema novo, a arquitetura brasileira passa a ser o grande produto de exportação cultural do país, e sua meta-síntese é hoje Patrimônio Cultural da Humanidade.

Seus carrascos, caluniadores e detratores afirmam que irão destruir o estado legado por Vargas e por ele ao povo brasileiro, mas, ninguém conseguirá dar tanto orgulho aos candangos que vindos de todos os rincões da Pátria, construíram uma cidade do nada.

E Darcy Ribeiro na sua saudável irreverência disse que Deus estava de bom humor quando reuniu a Juscelino o doutor Lucio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Oscar Niemeyer, as quais acrescento Ernesto Silva, Afonso Heliodoro, Moacir Gomes, Pery França, Joaquim Cardoso, Augusto Guimarães Filho, Jofre Mozart Parada, Segismundo de Araújo Melo e todos os heróis anônimos que passaram à história como candangos.

Jarbas Silva Marques *

*** Professor, Jornalista, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do DF e Diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico - DePHA.**